

CIBELE ARAÚJO CAMARGO MARQUES DOS SANTOS

A leitura documentária: processo e leitura significativa*

São Paulo

2009

*Trabalho em elaboração e revisão para ser publicado.

1. Introdução

O ato de ler pode ser associado a um ou mais objetivos específicos sendo que as pessoas lêem por prazer, para aprendizado, para obter informações ou orientadas para cumprir determinadas tarefas.

Todos os processos de leitura, não só de livros, incluem “a arte de decifrar e traduzir signos”, sendo que em todas as suas formas “é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento, uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo” (MANDEL⁸, 1997).

Para FARROW² (1995) a leitura do indexador é uma tarefa orientada a proposição de elaboração de índices.

No processo de representação documentária segundo modelo elaborado por KOBASHI⁵ (1996), a tarefa a ser executada pelo bibliotecário compreende a representação descritiva de um documento gerando como produto a referência bibliográfica; e a representação de conteúdo que constitui-se na elaboração de índices e resumos. No caso dos resumos, a representação do conteúdo será feita por paráfrase, sem modificação do sistema de significação a que o documento pertence, enquanto a elaboração de índices poderá ou não utilizar o mesmo sistema de significação.

Ao indexador cabe no seu processo orientado de leitura, a interpretação dos textos/documentos e sua representação num sistema de significação que permita a recuperação das informações contidas no texto original visando a função comunicativa dos processos documentários. Devido a esta função, o produto da indexação deverá apresentar equivalência de sentido entre o texto e suas representações.

A leitura documentária constitui-se no primeiro processo do indexador em sua tarefa de representação da informação, tendo importância fundamental, a compreensão do texto para posterior tradução por redução de conteúdo num sistema pré-estabelecido.

O objetivo deste trabalho é relacionar aspectos do processo de leitura com a leitura documentária, especificamente analisando aspectos cognitivos da leitura e discutindo a necessidade de conhecimentos prévios para a realização de uma indexação de qualidade por parte do bibliotecário.

2. O processo de leitura

São muitos os aspectos da leitura que podem ser analisados no processo de leitura e de compreensão do texto, entre eles, fatores lingüísticos, sociológicos e psicológicos. O modelo construtivista que analisa o contexto das informações percebidas pelo leitor parece ser mais apropriado para uma leitura orientada a tarefa do indexador.

O ato de ler apresenta algumas características físicas, psíquicas e lingüísticas que serão analisadas no processo de compreensão dos significados do texto.

Para SMITH⁹ (1999), a leitura não exige dos olhos habilidades ou esforços especiais e não existe necessidade de conhecimentos lingüísticos diferentes dos usados para a compreensão da fala.

O processo de leitura começa com os olhos e existem diversas teorias sobre a percepção ocular que a possibilita. Do ponto de vista histórico, segundo MANGUEL⁸, na antigüidade, Epicuro acreditava que películas finas de átomos fluíam de cada objeto e entravam nos olhos e mente do observador, e em oposição a esta teoria Euclides afirmava que eram os olhos que emitiam raios para apreender o objeto.

Aristóteles afirmava que qualidades dos objetos viajavam pelo ar até o observador, portanto o que se podia apreender não estaria em sua dimensão real, apresentando forma e tamanho relativos. Enquanto para ele, o observador tinha atitude passiva, para um médico grego, Galeno, o “espírito visual” saía do cérebro, atravessava o olho pelo nervo ótico e saía para o ar, onde as qualidades do objeto eram retransmitidas de volta ao cérebro. Esta teoria, colocava o observador num papel ativo.

Na Idade Média acreditava-se que a visão e os outros sentidos eram depositados no cérebro e impressos na memória, Leonardo da Vinci desenhou a “rete mirabile”, rede maravilhosa, pequenos vasos que agiam como canais de comunicação para o cérebro. Neste desenho os ventrículos eram separados e as várias faculdades mentais ficavam situadas em seções diferentes do cérebro.

No Egito, no século XI, al-Haytham desenvolveu uma teoria onde as percepções do mundo externo envolvem a inferência da capacidade de julgar do ser humano, distinguindo a sensação pura, inconsciente e involuntária, da percepção, ato voluntário de reconhecimento. Foi o primeiro a identificar no ato de perceber uma gradação da ação consciente que vai do “ver” ao “decifrar” ou “ler”(MANGUEL⁸, 1997).

A visão particular do mundo que cada indivíduo traz dentro de si, com esquemas estabelecidos e informações prévias define a forma como o leitor vai interagir com o texto quando for decifrá-lo para compreensão do sentido.

Os olhos tem a função de trazer a informação impressa para o cérebro denominada por SMITH⁹ de informação visual. Porém não será suficiente se esta informação não puder ser decifrada pelo leitor devido ao desconhecimento da linguagem, do assunto do texto ou falta de habilidades gerais de leitura. A esses três requisitos denomina de informações não-visuais fazendo a seguinte análise: quanto mais informação não-visual o leitor tiver quando lê, menos informação visual será necessária e o contrário também é verdade, quanto menos informação não-visual maior será a necessidade de informação visual. Analisa que o cérebro tem um limite de informação que pode ser armazenada imediatamente, em média 4 ou 5 itens, denominada memória de curto prazo.

Como o cérebro consegue armazenar de imediato poucos itens, quanto mais diferentes forem, maior espaço de memória de curto prazo estará utilizando. Se o item a ser armazenado corresponder a uma letra, palavra inteira, ou uma frase estará ocupando o mesmo espaço na memória. A diferença é que no segundo ou terceiro caso haverá mais informação sendo armazenada.

Para KATO³ (1998), no processo de comunicação, o significado do texto depende do que o indivíduo tem na memória e da maneira como a memória funciona. Além da memória de curto prazo (ou termo) e da memória de longo prazo, a autora refere-se a uma memória intermediária com função operacional que denomina de memória de médio termo. Esta memória é temporária como a de curto termo, porém não tem a mesma limitação quantitativa, operando com unidades de significados e tendo restrições qualitativas e de relevância.

A memória de médio termo complementa o processo, explicando como os indivíduos retêm várias informações por certo período, transferindo para a memória de longo prazo apenas as informações de maior relevância.

A compreensão do texto, segundo KATO³, exige do leitor que utilize os três tipos de memória: a de curto prazo para integrar letras e palavras, a de médio prazo para integrar significados oriundos de elementos do texto; e a de longo prazo para integrar o

significado do texto com as informações extra textuais providas do conhecimento prévio de cada indivíduo.

A utilização eficiente dos três tipos de memória é requisito para que o leitor possa compreender o sentido e interagir com um texto de forma mais abrangente e madura.

SMITH⁹ refere-se ao que denomina visão túnel que ocorre quando o indivíduo não tem informação não-visual para usar, como no caso da visualização de letras aleatórias, os olhos terão a visão restrita de uma pequena área, como se estivessem enxergando por um tubo ou túnel.

A importância dos problemas causados pela visão túnel, será analisada quando forem discutidas as dificuldades de leitura que o indexador poderá passar.

Para SMITH⁹ a memória de longo prazo é o conhecimento relativamente permanente que os indivíduos têm do mundo sendo que a memória de curto prazo é um estoque transitório cuja atenção o indivíduo dedica por um tempo determinado. Ambas são limitações para o processo de leitura, uma vez que a memória de curto prazo retém pouca informação e a passagem da informação para a memória de longo prazo é demorada. Para o indivíduo que está aprendendo a ler, ou para aquele que tem dificuldades de leitura, estes aspectos podem se apresentar como problemas no desenvolvimento das tarefas a que se propuseram.

A abordagem da leitura significativa (SMITH⁹) traz a compreensão da estrutura profundo do texto aliada ao conhecimento prévio sobre o assunto, podendo ser um aspecto de interesse para uma análise da problemática da leitura documentária.

Outro aspecto desta teoria da leitura sugere que a identificação do significado do texto, não necessita da identificação das palavras individuais, sendo que o leitor se utiliza da previsão da seqüência de letras e palavras para dar sentido ao que esta lendo. Este aspecto apresenta-se como ferramenta importante para a leitura técnica.

Uma análise crítica do trabalho desenvolvido por SMITH⁹, leva a contestar a sua certeza de que quando ocorrem aproximações de significados no processo de leitura estas não alteram a compreensão integral do texto e de seu sentido. Em alguns casos estas aproximações podem alterar totalmente a compreensão do texto.

Para SMITH⁹ a compreensão depende da previsão que é atingida através da teoria de mundo que os indivíduos constroem e modificam constantemente através de suas interações com o mundo. A teoria de mundo é a fonte das previsões que possibilita encontrar sentido nos acontecimentos e na linguagem. A capacidade de fazer previsões e as perguntas certas ao texto, ligadas diretamente a teoria de mundo individual são importantes para o leitor fluente e principalmente para uma leitura orientada a tarefas como no caso da leitura documentária.

O conhecimento do mundo para KATO³ não se restringe apenas à memória de longo prazo. A repetição de episódios na experiência de vida de cada indivíduo leva a organização do conhecimento em estruturas cognitivas de expectativas, denominadas esquemas, scripts e frames.

Estas estruturas apresentam algumas diferenças entre si, sendo que os esquemas são unidades básicas de armazenamento para reprodução quando necessário, scripts são formulações feitas para serem reproduzidas e frames são conhecimentos acionados por causa da informação. No entanto, estas estruturas representam a visão de mundo do indivíduo, resultado de sua experiência de vida e da carga de informações culturais recebidas.

MANGUEL⁸ considera que ler não é um processo automático de capturar um texto, mas um processo de reconstrução de significados que depende de cada leitor e estará diretamente ligado a conhecimentos e experiências prévias de cada um. O ato de ler “resgata tantas vozes do passado, preserva-as às vezes muito adiante no futuro, onde talvez possamos usá-las de forma corajosa e inesperada”.

O processo de leitura deve passar pelo resgate de um conhecimento prévio, individual e coletivo, que está contido na memória do indivíduo e da humanidade.

3. Leitura documentária

A leitura documentária permitirá identificar aspectos externos do documento que fornecerão as informações referentes ao contexto do mesmo e a identificação de aspectos internos do texto com relação a sua estrutura e conteúdo.

O processo de leitura exige a utilização pelo leitor das informações visuais e das informações não-visuais (SMITH⁹, 1999), sendo que a compreensão do texto depende da previsão que é atingida pela teoria de mundo de cada indivíduo. Esse arsenal de

informações prévias ou conhecimento prévio, aliado às estratégias de leitura são vinculadas a habilidades do bibliotecário (CINTRA¹, 1994)

Para KATO⁴ (1995) um ato de comunicação verbal (oral ou escrita) tem as seguintes características: envolve uma relação cooperativa entre emissor e receptor, transmite intenções e conteúdos e possui forma adequada à sua função.

A relação cooperativa na comunicação envolvendo emissor e receptor é rompida na leitura documentária (CINTRA¹, 1994), pois o autor não previu o documentalista como leitor. Atualmente, as revistas internacionais que publicam artigos científicos normalizados segundo padrões mais rígidos de edição, podem ser considerados uma exceção, pois os textos estruturados facilitam o trabalho do bibliotecário.

O conhecimento prévio e a identificação de tipos de estruturas do texto são exigências para a leitura documentária.

A capacidade do documentalista de identificar princípios tipológicos, utilizando o conhecimento da superestrutura do texto permite uma leitura mais rápida e direcionada para a tarefa documentária. A utilização deste conhecimento faz com que acione esquemas que já estão armazenados na memória.

O leitor usa alternadamente dois processos de leitura, dependendo da complexidade do texto. O processo ascendente (botton-up) corresponde a uma leitura linear, vagarosa, palavra por palavra se necessário e o processo descendente (top-down) ocorre quando decodifica palavras, estruturas e conceitos familiares ou previsíveis no texto (KATO⁴, 1995). A leitura documentária normalmente, utiliza o processo descendente.

Para LARA⁷ (1994) a estratégia a ser usada pelo documentalista, além das regras documentárias deve utilizar referenciais para identificação das informações do documento. Estes referenciais se constituem em conhecimentos para identificação tipológica do texto, conhecimento aprofundado dos objetivos institucionais e dos perfis de usuário e, terminologias de domínios relacionadas às enciclopédias necessárias a interpretação textual.

4. A leitura do indexador

Após esta breve análise da leitura documentária torna-se importante observar o processo de leitura do indexador, analisando problemas e dificuldades que podem apresentar-se no decorrer da tarefa de indexação.

Para SMITH⁹ a visão túnel ocorre nas seguintes situações: o que está sendo lido não faz sentido para o leitor (desconhecimento da língua, por exemplo), falta de conhecimento relevante para a compreensão do que está sendo lido (conhecimento temático, por exemplo), relutância para usar a informação não-visual, pois a leitura se dá pelo significado, o que pode incidir em troca de palavras com significados próximos e interferir na compreensão do sentido e finalmente maus hábitos de leitura como ler muito devagar causando dificuldades de compreensão do texto na íntegra.

Para o indexador os problemas causados pela visão túnel afetarão diretamente no seu processo de trabalho quando relacionarem-se às dificuldades lingüísticas, falta de conhecimento da área temática a ponto de não permitir a identificação dos pontos de saliência do texto, erros de interpretação ou na compreensão global do texto e seu contexto.

Para compreensão do texto o leitor procura a coerência (KATO³, 1998) tentando ajustar o que está lendo a sua visão de mundo, ao mesmo tempo em que analisa a consistência do texto e examina a coerência temática e manutenção do tópico do discurso.

A leitura do indexador será facilitada se o texto tiver coerência interna e temática embora, para fins de indexação o texto não precise necessariamente adequar-se a visão de mundo do bibliotecário. Por outro lado, surgirão dificuldades de compreensão se a temática do texto for totalmente desconhecida para o indexador. O processo parece ser dar da seguinte maneira: o indexador utiliza estratégias de leitura para identificar pontos de saliência do texto, tendo mais ou menos dificuldades de acordo com o conhecimento prévio que tem das estruturas e da temática do texto.

Para SMITH⁹ existem diferentes tipos de texto e finalidades muito diferentes na leitura. Um dos aspectos da leitura que todos têm em comum é que perguntas são feitas sobre o texto. A compreensão ocorre quando são encontradas as respostas para essas perguntas. A habilidade de fazer perguntas relevantes ou de saber onde encontrar as respostas no texto depende do conhecimento, do tipo de material envolvido, e da

finalidade específica da leitura. Nada disto pode ser ensinado explicitamente, mas é desenvolvido com a prática da leitura.

Ao texto, podem ser inferidos vários sentidos, entre eles, literal, analógico e histórico. Na leitura “o leitor precisa de informações sobre a criação do texto, o pano de fundo histórico, o vocabulário especializado e até sobre a intenção do autor” (MANGUEL⁸, p. 107). O conhecimento da superestrutura, considerada como a estrutura que caracteriza certo tipo de texto (VAN DJIK¹⁰, 1989) pode ser útil tanto para a leitura de textos técnicos como para textos literários.

KATO³ afirma que determinadas formas discursivas são caracterizadas por um conjunto de convenções que precisam ser obedecidas consistentemente. A obediência às convenções determina as tipologias do texto que precisam ser rapidamente identificadas pelo indexador.

FARROW⁴ observa que existem 2 tipos de indexação que denomina “academic indexing” e “back-of-book”. Estes tipos de indexação estão ligados a tipologia dos documentos indexados. A indexação de livros (back-of-book indexing) baseia-se nos assuntos principais, normalmente identificados a partir do título e do sumário, pois o objetivo é a rápida localização destes documentos. A indexação de trabalhos acadêmicos e científicos (academic indexing) é realizada para inclusão de registros em bases de dados, normalmente especializadas e temáticas, utilizando abordagem conceitual (top-down) e buscando criar um índice exaustivo. Especificidade e exaustividade são requisitos deste tipo de indexação.

A indexação de livros e a indexação acadêmica exigirão do indexador estratégias de leitura diferentes, sendo necessário que tenha consciência da estratégia a ser usada para atingir uma indexação coerente e de qualidade.

Na leitura o indexador utiliza diversas estratégias ao mesmo tempo. De modo geral realiza uma leitura rápida em diagonal no texto, analisando título, concentrando-se no início e no fim de capítulos, seções, resumos, índices dos livros e artigos. Analisa as partes mais importantes para extrair as saliências do texto para então traduzir a informação que considera relevante para uma linguagem documentária.

Para KATO³ o processo de leitura depende do grau de maturidade do sujeito como leitor, do nível de complexidade do texto, do objetivo da leitura, do grau de conhecimento prévio do assunto tratado e do estilo individual do leitor.

Para o indexador todos os aspectos citados podem ser considerados importantes. Precisa ser um leitor com certo grau de maturidade, compreender o objetivo da leitura e o contexto no qual realizará seu trabalho e ter conhecimento prévio do assunto tratado para identificar o que é relevante no texto. O aspecto do estilo individual de leitura relaciona-se com a forma subjetiva com que cada bibliotecário indexa.

Segundo LANCASTER⁶ (1993), a indexação é um processo subjetivo em vez do objetivo. Duas (ou mais) pessoas possivelmente divergirão a respeito do que trata uma publicação, quais de seus aspectos que merecem ser indexados, ou quais os termos que melhor descrevem os tópicos selecionados. Além disso, uma mesma pessoa tomará decisões diferentes quanto à indexação em momentos diferentes. Estas características particulares criam dificuldades para os estudos de coerência e qualidade da indexação.

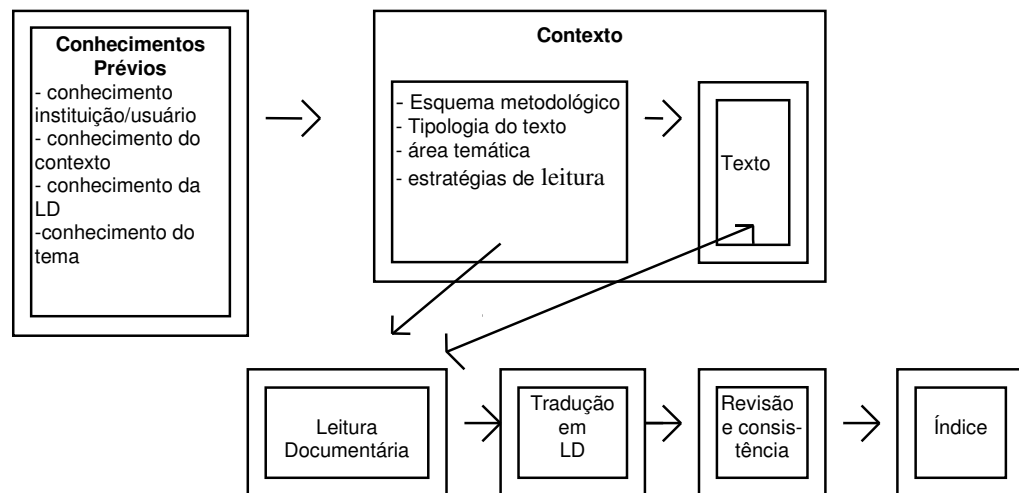
Para KATO³ também os estudos sobre compreensão e produção da linguagem oral e escrita são especulativos devido a natureza não observável de seus processos. As conclusões de muitas pesquisas são de caráter empírico e produtos da inferência do pesquisador.

KATO^{3,4} analisa que em relação à complexidade textual, se o conteúdo for familiar, o leitor pode usar seus esquemas, utilizando processos descendentes (top-down) de leitura. Quando o conteúdo é pouco familiar, os esquemas existentes pouco servem e muitas vezes a leitura se dará palavra por palavra, com abordagem ascendente (bottom-down) através da qual o leitor contrói novos esquemas.

Uma saída para o indexador que se defronta com textos complexos, é reconhecer as tipologias do texto acionando os esquemas de estratégias de leitura que possui para identificar a informação relevante, inferindo significado às palavras em termos de unidades maiores e do contexto.

Consideradas as variáveis que envolvem o processo de leitura na indexação é possível esquematizá-lo para facilitar a compreensão, melhorar a qualidade, diminuir as incoerências e permitir o ensino do mesmo.

O esquema a seguir foi baseado em modelo para o processo de escritura de Flower e Hayes, posteriormente reformulado por KATO³. A referência que os autores fizeram a utilização de conhecimentos prévios e análise do contexto pode ser adaptada ao processo de indexação.



No modelo acima se pode observar que os conhecimentos prévios armazenados na memória de longo prazo do indexador estão separados do contexto, itens externos ao texto, mas que se relacionam aos esquemas pré-estabelecidos. No processo de indexação são necessários os conhecimentos relacionados à instituição/usuário da tarefa a ser executada, conhecimento do contexto referente à metodologia de indexação adotada, tipologia de texto, área temática e estratégias de leituras a serem utilizadas.

Outro tipo de conhecimento prévio necessário refere-se ao conhecimento da linguagem documentária utilizada que se diferencia do conhecimento do tema na medida em que este último facilita a compreensão do texto, enquanto o conhecimento da LD permite que o processo de tradução seja realizado de forma mais eficiente e com melhor qualidade.

Em relação ao contexto é importante que existam esquemas metodológicos bem definidos para a indexação e que o indexador saiba utilizá-los, bem como, tenha condições

de identificar os tipos de texto, diferenças relacionadas às áreas temáticas dos documentos e que tenha consciência das estratégias de leitura que deverá utilizar.

Com estes conhecimentos poderá realizar a leitura documentária, traduzir o conteúdo do documento em linguagem documentária e finalmente proceder a uma revisão geral verificando se existe consistência entre o texto e os assuntos levantados para a elaboração do índice.

Na prática, o processo deve ocorrer de forma mais compacta sendo que o indexador aciona os conhecimentos prévios e de contexto ao mesmo tempo.

Finalmente é necessário observar que uma análise do processo de indexação é especulativa (FARROW²) pois inclui aspectos cognitivos da percepção humana que ainda estão sendo estudados. No entanto, o estabelecimento de um modelo que possa facilitar a compreensão do processo visando o ensino e a aprendizagem, permitirá que sistemas cooperativos de indexação para bases de dados possam treinar os indexadores para melhorar a consistência e qualidade da indexação em bases de dados produzidas por estes sistemas.

5. Conclusão

Os estudos sobre aspectos cognitivos da leitura e a compreensão do texto complicados pois os processos são difíceis de serem observados, as pesquisas empíricas e os resultados dependem de inferências do pesquisador.

O mesmo acontece nos estudos sobre o processo de indexação onde aparecem dificuldades de observação devido aos aspectos de subjetividade do indexador e da forma como ele lê.

Para melhorar a qualidade da indexação em bases de dados, o profissional deverá aprender a ler orientado para a tarefa e a utilizar conhecimentos prévios específicos para a realização do processo de forma consciente e mais eficiente.

Referências bibliográficas

1. CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em documentação. *Cadernos de análise documentária*, n.1, 1994. p. 32-37.
2. FARROW, J. All in the mind: concept analysis in indexing. *The indexer*, v.19, n.4, Oct. 1995. p.243-247.
3. KATO, M. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 6.ed. São Paulo, Ática, 1998.
4. KATO, M. *O aprendizado da leitura*. São Paulo, Martins Fontes, 1995. (Texto e linguagem).
5. KOBASHI, N. Y. Análise documentária e representação da informação. *INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, v.2, n.2, p.5-27, 1996.
6. LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993. 347 p.
7. LARA, M. L. G. A leitura documentária: algumas considerações. *Cadernos de análise documentária*, n.1, 1994. p. 53-65.
8. MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo, Companhia da Letras, 1997.
9. SMITH, F. *Leitura significativa*. Porto Alegre, Artmed, 1999.
10. VAN DIJK, T. Superestructuras. In: _____. *La ciência del texto*. Barcelona, Paidós, 1989. p. 141-173.